



O que pode a vida suspensa

Paulo César García¹

Um livro que aproxima o leitor e tenha o esmero de captar sentidos para quem se fala, de que maneira se enuncia, de como segue uma linha temporal e espacial de modo instigante é algo que engrandece a literatura. Quer dizer, o texto literário, quando movido pelas tensões com o real, desata eixos estruturais do pensar e os desperta de forma intempestiva com os estranhamentos da linguagem. Assim a narrativa de ficção de Fabio Camargo cria um formato textual em que a subjetividade brota de um meio outro onde cabe a configuração de um espaço de diferenças, cujos fragmentos textuais podem ser visualizados e importados do universo de seus precursores, como o da escrita de João Gilberto Noll ou de Lúcio Cardoso. Trazendo à tona essas escritas, os contextos culturais aí demarcados giram na transversalidade dos artefatos lúdicos das palavras, que passam a filtrar sujeitos fora de alcances, fora-de-lugares. O que se lê na obra inicial do autor é para fiar e, ao mesmo tempo, desfilar as muitas histórias concentradas na memória que se entrelaçam em tramas nas quais a representatividade da ficção solicita enunciar, e que os narradores e autor arriscam: *A vida suspensa*.

A vida está em estado de atenção, quem sabe, para metaforizar aí o ato de dizer de si, dos/das que se rompem na escrita, pelos entrecortes da palavra, sendo esta sorradeira ao lhe dar permissão de suspender o que é dito nos paradigmas sociais e culturais em conservas. E se for mesclar a poesia com a vida, esta sim lhe permite estar livre para barrar, ou melhor, sustentar o inatingível. Os temas são armados na frente da narrativa para desamarrá-la, como para incitar a pensar aí o lugar do outro. É assim que nutre os muitos eus que são buscados pela ótica da escrita, para apresentar um estilo suspenso de viver. Suspenso de normas, suspenso de regras, suspenso de acontecimentos em que sujeitos se desprendem por um instante da ótica da sistematização do ordinário.

Para melhor encontrar a leitura de obras narrativas literárias da contemporaneidade, autores se esbarram com a linha de Penélope, não para encontrar o tom que dá sinais mais

¹ Doutor em Literatura (UFSC) e professor de Licenciatura em Letras, na área de Estudos Literários, e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia / Departamento de Educação DEDC II (UNEB). E-mail: p.garcia@terra.com.br

nítidos de ver as coisas nos extratos horizontais, mas para entrecruzar com os vários bolos de lã que são tecidos de palavras e de coisas fora-de-lugares, pois estes apontam assim para as presenças e ausências que requerem cruzadas de rumores de significados, fazendo crer na possibilidade de significantes que consagram outras existências. Por essa vertente, a narrativa *A vida suspensa* é feita de fora, dos movimentos exteriores, na exposição de corpos e posição de desejos que se veem atraídos pela imagem que dá sinal e foco para falarem de si, reposicionando formas de ver, de pensar, de alcançar, de agir.

Com isso, o que a vida pode ser, o que pode a vida em suspenso? Do que e de quem são feitas? Qual a importância em suspender a vida higienizada, quando ela é postada aos finitos acontecimentos, como a de afrontar, aproximar, despertar, afetar, amar, desamar, dispersar? A primeira obra literária de Fábio Camargo, autor mineiro e professor universitário da área de Literatura, atreve a percorrer os passos da ficção, apossando-se de uma realidade que a representa entre os compassos da poesia e o da ficcionalidade. Do imaginário, desloca-se nele pelos sentidos sinestésicos. É por onde passa a existir sujeito a dor e a delícia de ser o que é. Da poesia que comunica nos relatos, a subjetividade homoerótica é reconduzida pelos arautos da palavra, que recorta, desvela, destrava as imagens de sujeitos com os vários tons discursivos que brotam como um cheiro que aflora nuances que os remetem fora dos sistemas carregados de normas e conceitos deterministas e patológicos.

Entre a intensidade de sentir, seja no tatear com as mãos que ferem o que não segura, seja no olhar que se desprende do dominador, claramente o oblíquo toma voz com o lado mais fictício e com o qual se mostra e aberrar. Quer dizer, a sensação de sentir, ver e tocar se misturam com o destravar as portas que prendem a vida e, nessas sensações, o ato de suspender tem voz ativa nas atitudes das personagens que, a céu aberto, se expõem, comem, devoram, exterminam, colocam para fora a lado podre do ser.

Os perfis dos relatos da obra de Fábio Camargo se confundem e se fundem com uma realidade desfalcada e que nada se higieniza, contrapondo-se com o que se impõe e disciplina. Portanto, os atos dos sujeitos, os corpos de muitos eus ali ex-postos, que suprimem tudo e todo o universo regularizado, se elevam à potência máxima na narrativa, porque nada condiciona ao ser único e sim ao ato de flexão da existência, do prazer em excomungar, de desfazer, o que ganha corpus no escrever. Afinal, também, a escrita é a vida que vai abalando o campo do significado e com o qual diz as coisas nas controversas posições de si frente a generalização de conceitos, a exemplo do que culmina no seio das masculinidades e dos poderes que frizam, abalando aí as



estruturas montadas. O abalo sísmico da escrita exercita uma estética, um estilo que faz emaranhar as diferenças nas diversas formas de existir.

A vida suspensa se compõe de relatos reveladores, com personagens masculinos que criam seus recalques e também buscam desrecalcá-los. Há os que desejam a liberdade de gozos sadomasoquistas, de veios antropófagos e de desejos iminentes com homens que tardam e falham. Há aqueles que problematizam a posição social e os interesses na relação homoerótica, os que negam a heteronormatividade e o sonho do amor homossexual declarado, romantizado, como os que protagonizam a excentricidade na abjeta forma de amar, incluindo os que mastigam corpos e matam, cuspidos as decrépitas atitudes das relações humanas. De gays jovens intolerantes aos mais velhos e esses que violentam seus corpos nus, no ato revolucionário de cus, que se manifesta perante os afetos, gozos e paixões malditas. A estética da *Vida em suspenso* se afeta com os murmúrios e com os quais são marcados em expressões de acordes de corpos em riste.

A narrativa *A troca* aponta para a experiências carnal e cultural tangenciada por enunciações que fundamentam a ação de comer, mastigar o que brota do corpo do narrador protagonista sem-nome e Eduardo, abrindo espaço para o livro de aprendizagens, cujas trocas de ordem canibalescas são realizadas para degustar o outro, um meio de sentir, de ser e de viver que dão conta com a disseminação de uma escrita a sangue, pau e pão. O pão que alimenta o estético, o sangue que prolonga a atividade de consagrar o prazer avesso aos moralismos e o pau que garante a desforra do império conservador e das masculinidades hegemônicas. O ato de comer, portanto, busca digerir o outro de modo a assimilar formas para se libertar da opressão.

A troca sangra nas folhas do livro se misturando à saliva da leitura, com os prazeres da carne que se misturam com o sabor e a dor da poética. Marcar a ferro e a pau o ato de consumir o corpo do outro mostra cenas de gesto antropofágico de modo a metaforizar as relações pessoais. O banquete oferece a ação de “comer” o pênis do outro correlacionando imagens em que dá frutos à tese de que a vida só importa em plenitude. O protagonista quer sentir a teoria que argumenta em sua tese acadêmica sobre estudos da poesia, pois, para ele, a realidade representada arranca para fora a poética fadada à degustação, marca que enaltece o ato de devorar, de consumir o corpo de homens: “Meu corpo pede, segue, come / Eu, agora, guerreiro / Canibal, devorador de homens. (CAMARGO, 2014, p.20). O canibal ancora os anseios da personagem cuja pretensão é sentir a aversão ao domesticado, dando cortes ao consagrado, à medida que as mordidas do corpo provocam reações que tocam os efeitos de poder, dos desejos de poder dizer, poder ser, afinal, o que pode um corpo? Como o desejo pode ser sentido?



O realismo da obra de Camargo retira as convenções sólidas da descrição do cultural, como ocorre com traduções automatizadas do real e, diferente do visual como se apresenta, a presença entre o que aparece da convenção da história e as semelhanças travadas pela literatura é desconstruída. Quer dizer, a possibilidade mimética se configura no discurso que, ao invés de imitar simplesmente a realidade, retoma esta como transcrição de uma voz que distorce e contorce o sentido convencional, de modo a presentificar o traço transgressor, melhor dizer, a linguagem experiencia o real dando forma, prestando outro modo de dizer, recriando literariamente os discursos que deformam falas do cotidiano em suas várias dimensões que atingem o social, o cultural, a diferença entre os gêneros e as diferentes identidades sexuais.

A contundência expressiva dos gestos das mãos força a finitude da vida, a exemplo, do que fascina a relação entre o efebo e o mais velho na crônica de uma catástrofe anunciada no conto *No more kisses*. Nesse relato, a posse ao corpo do outro é fonte de alimento de vida, suspende uma para prever um outro modo errante de existir. No conto *Mãos* isso enseja o processo sensitivo de poder ter o corpo do outro. Possuir é como moldar com as mãos que alinha e desalinha um objeto e condiciona o sujeito da existência, como relata a figura do narrador: “Eu sentia um calor enorme mesmo mexendo com aquela água fria que batia em minhas mãos com muita força. Eu me desesperava, eu não me continha e eu gritava, eu chorava, soluçava, eu gargalhava. Eu acabara de cortar o pescoço de meu amante” (CAMARGO, 2014, p.4).

Essa mesma errância que sobressai na literatura de Camargo é contagiada no relato *O malsinado*, tendo a mão como operadora do corte, do limite-vida que se deixa perceber na visionária entrega ao amor impossível. Ou seja, a estranha realidade construída nas narrativas ficcionais do autor tem força de choque e demoniza as expressões pessoais como para assimilar o inarrável, o execrável e o insuportável, sendo esses peculiares motivos para atingir as semelhanças que vão cedendo espaço à confusão e difusão da representação de homens em suas violências físicas e simbólicas.

Por isso, os contos suspendem a sublimação romantizada da representatividade do real que não somente estranha amores diferentes, como também faz deles a promessa de linguagem que rompe os sentidos e sensações únicas de viver. São vozes de narradores que fogem de cenas espetacularizadas para curtir um realismo extremo e que se configura no universo do contemporâneo. Entre sonhos e ilusões perdidas, das derrotas do desejo romântico em busca do par perfeito, do eu sensível e da materialização do amor impossível, degradações e repulsões, violência experimentada, as ações de homens vibram em tons mais chocantes.



Em *Iluminação*, a personagem fica à espera do homem com o qual conecta na sala de bate-papo e anseia a presença do sexo e do amor. Espera que, nas páginas em branco do texto, predomina a solidão e o silêncio. Sinaliza aguarda, pois, amar é aguardar ou mesmo sonhar, criar momentos, imaginar, como acontece com este mesmo personagem que, não encontrando a personagem virtual, se vê numa história outra. Fruto de um real imaginado, se vê no encontro erótico com o vizinho. As cenas de erotismo são afloradas na narrativa e passam, em larga escala, na ilustração de um momento de glória do gozo, do desejo que mexe com os sinais depositados no lençol, do respingo do sêmen, que nada mais transparece além de uma falsa realidade, de um sonho errante.

Em *O beijo*, as mordidas ao corpo do outro protagonizam a impulsão à morte. Dos aproveitamentos das relações gays fundados na mais valia do dinheiro do mais velho, suspende-se por inteiro a ilusão dos contatos romantizados em favor de posições que se apoderam do jogo de ser o deus e de amar de modo passional. Nulo o poder de amar, ama-se pela posse do corpo, e no pecado capital, arranca na marra o que lhe pertence: “A sua pureza contra minha canalhice. Sua ilusão e o meu senso forte de realidade. Quero gozar desse corpo, quero tirar dele tudo o que não tenho mais. Isso é amor” (CAMARGO, 2014, p. 48).

Devidamente retratadas, as personagens nutrem dos rompimentos com a centralidade hegemônica dos masculinos e da inteligibilidade identitária de gênero, encontrando respaldo a diferença das relações que permitem os gritos sonoros aos gestos e atos homofóbicos e aos procedimentos de violência social, como se vê em *Desvario* e *desgosto*. Por outro lado, em *Adiamento* e *Carícia*, a sensibilidade masculina se lança como a última sensação de tocar no rosto do homem amado. Face ao amor recolhido e recalcado, sacraliza o gesto possível que ocorre nos últimos instantes de fala, de despedida do amado no velório no conto *Adiamento*: “Eu o amava, e ele jamais pôde sentir o toque de minhas mãos em seu rosto como agora, ali, naquele local cheio de flores, velas e orações” (CAMARGO, 2014, p. 25).

A anestesia que contamina o desejo entre homens é removida e dirige-se contra a versão da história, das mãos que permitem o toque, que sente e libera o poder amar. Agora, a sorradeira disciplina do sistema social é abalada com a absorção de escritas que sopram para vidas abaláveis. Essa é a sensação de estranhamento que acolhe o real suspenso da ficção de Fábio Camargo e toma nota nos contos que são depurados contra a fixidez de um estado de vida. A suspensão pode permitir aberturas, perceptíveis escolhas e rumos diversos de estar na vida.



Se existem abjetos modos de existir no texto, eles se presentificam no esplendor de subjetividades e seus modos de pensar nas extremidades, fora de projeções que naturalizam corpos, assentando-os por valores essencializados. É por aí que se efetiva uma dimensão ética e dialógica por operacionalizar arte e vida, vida e arte, estando estas enunciadas numa espécie de suspensão radical, que se dirige para além do princípio do prazer e por contrapor as afirmações positivistas das identidades sexuais. Ao liberar os sujeitos de contextos arraigados, não apenas por paixões e desejos, o livro de Fábio Camargo agencia a intervenção performativa dos afetos, incitando percebê-los em descentro e em líquidas potências humanas que proporciona para a vida.

Referências

CAMARGO, Fábio Figueiredo. *A vida suspensa*. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.

